

MARIA: ESCRITURA, TEOLOGIA E RELIGIOSIDADE

Ano Jubilar Mariano: 300 anos de História

Quem é Maria de Nazaré? O testemunho bíblico na vida da Igreja

O testemunho bíblico do NT, permite-nos começar com uma primeira observação de grande relevância para a minha apresentação: para a primeira comunidade dos discípulos de Jesus, o Messias e Senhor, Maria de Nazaré, Maria a mãe de Jesus não foi, em primeiro lugar, alguém importante que eles deviam admirar ou venerar. Não, Maria era sobretudo, **alguém que estava ali, na comunidade cristã, ao lado de todos os discípulos, que procuravam compreender e seguir Jesus:**

Mt 12,⁴⁶ «Estava Ele ainda a falar à multidão, quando apareceram sua mãe e seus irmãos, que, do lado de fora, procuravam falar-lhe. ⁴⁷Disse-lhe alguém: «A tua mãe e os teus irmãos estão lá fora e querem falar-te.» ⁴⁸Jesus respondeu ao que lhe falara: «Quem é a minha mãe e quem são os meus irmãos?» ⁴⁹E, indicando com a mão os discípulos, acrescentou: «Aí estão minha mãe e meus irmãos; ⁵⁰pois, todo aquele que fizer a vontade de meu Pai que está no Céu, esse é que é meu irmão, minha irmã e minha mãe.» (Mc 3,31-35; Lc 8,19-21).

No entanto, não obstante, ser uma entre muitos, isto não significa diluir a importância que ela tinha para a comunidade cristã. Maria era a mãe de Jesus; o Jesus que eles amavam, porém ela era sobretudo “aquela que tinha acreditado”. Os primeiros cristãos reconheciam em Maria, a primeira que tinha acolhido e guardado, vivido e compreendido a Palavra de Deus, em Jesus, o filho do seu seio (Lc 1,31; 11,27-28). Não surpreende, por isso, que as palavras de Isabel: “Bendita és tu

porque acreditaste...” (Lc 1,45) foram sempre e continuam ainda hoje a ser a expressão mais bela e mais autêntica sobre Maria na vida da Igreja¹. Maria é a mãe de Jesus, mas é também a primeira discípula, que acreditou, tudo em tudo que lhe foi dito da parte de Deus².

É neste sentido que, numa tentativa de compreendermos a reserva e a singeleza da narrativa bíblica sobre Maria de Nazaré, alguns autores afirmam que a grandeza de Maria, na vida das primeiras comunidades cristãs, terá sido a sua capacidade de ser testemunho de fé e de ser através dele a memória meditativa da primeira comunidade³.

Lc 2,⁹ Quanto a Maria, conservava todas estas coisas, ponderando-as no seu coração. ²⁰E os pastores voltaram, glorificando e louvando a Deus por tudo o que tinham visto e ouvido, conforme lhes fora anunciado... Sua mãe guardava todas estas coisas no seu coração. ⁵²E Jesus crescia em sabedoria, em estatura e em graça, diante de Deus e dos homens.

Discretamente, como o terá sido sempre, Maria não se demarcava simplesmente por ser a mãe de Jesus, ela estava no seio da comunidade cristã como **a mãe e a garantia de uma tradição oral segura e de uma sabedoria meditada**⁴. Ela era a mediadora excelente entre o Jesus ressuscitado e os doze. O mesmo será dizer, Maria terá sido o testemunho mais seguro de referência e de consulta para a formação da tradição oral e escrita que está na base dos textos do Novo Testamento. Maria terá sido a verdadeira “mestra” da comunidade de Jerusalém. Entrevemo-lo de um modo velado, mas surpreendente, no texto do “Magnificat”. Ali, onde ela nos é descrita como a primeira que foi capaz de cristianizar, oralmente e de maneira profética, toda a tradição de Israel (Lc 1,46-55).

¹ JOÃO PAULO II, *Redemptoris Mater*, 1987, 12-21.25-27.36.42.

² Cf. B. SESBOUE, “Marie, celle qui a cru”, *Christus* 183 (1999) 269. B. Sesboue refere-se à obra de M.I. Miravalle (Ed.), *Mary, Coredeptrix, Mediatrix, Advocate. Theological Foundations*. Towards a papal definition? Queenship Publishing, 1995.

³ Cf. F. R. de GASPERIS, *Maria di Nazaret. Ícona di Israele e della Chiesa*, Magnano 1997, 12-18.

⁴ Cf P. PERRIER, *Karozoutha. Annonce orale de la bonne nouvelle em araméen et évangiles gréco-latin*, Paris 1968, 511-534.

*«A minha alma glorifica o Senhor
47 e o meu espírito se alegra em Deus, meu Salvador.
48 Porque pôs os olhos na humildade da sua serva.
De hoje em diante, me chamarão bem-aventurada todas as gerações.
49 O Todo-poderoso fez em mim maravilhas (Incarnação).
Santo é o seu nome.*

*50 A sua misericórdia se estende de geração em geração
sobre aqueles que o temem.*

*51 Manifestou o poder do seu braço
e dispersou os soberbos.
52 Derrubou os poderosos de seus tronos
e exaltou os humildes.
53 Aos famintos encheu de bens
e aos ricos despediu de mãos vazias.
54 Acolheu a Israel, seu servo,
lembrado da sua misericórdia,
55 como tinha prometido a nossos pais,
a Abraão e à sua descendência, para sempre.»*

Não temos, nem nunca poderemos ter, certezas sobre o papel de Maria na elaboração dos primeiros relatos orais que constituíram a base narrativa dos textos NT sobre a vida de Jesus. No entanto, sabemos que se um dos primeiros nomes que se deu aos seguidores de Jesus foi “os do caminho” (At 9,2; 19,9.23; 22,4; 24,14.22), Maria, a mãe de Jesus, foi e permaneceu sempre a personificação mais perfeita deste caminho⁵.

Não nos deve surpreender, por isso, que Maria seja a pessoa em que, historicamente, antes de o ser teologicamente, se concentrará e personalizará a Igreja, como mãe de todos os cristãos, auto reconhecidos nos primeiros tempos, como irmãos na fé, discípulos, colunas da Igreja.

At 1,¹⁴E todos unidos pelo mesmo sentimento, entregavam-se assiduamente à oração, com algumas mulheres, entre as quais Maria, mãe de Jesus, e com os irmãos de Jesus. Cf. 2,44; 6,1; 21,20; 24,5; Gl 1,18; 2,10).

⁵ É deste modo que a apresenta, também, a Encíclica *RM*. Maria precede a Igreja na peregrinação da Fé (cf. *RM* 1-2.5-6,12-28).

Esta personificação é bem evidente no lugar que os diferentes autores bíblicos do NT atribuíram a Maria; cada um assinalando a sua especificidade própria:

- Lc 1-2; At 1-2 (início de cada uma das partes da sua narrativa)
- Mt 1,21-23//28,20; (início e fim da narrativa)
- Mc 3,20-21; 6,1-6; (durante o ministério de Jesus)
- Jo 2,4; 19,27 (início e fim da narrativa)

Como parte integrante de uma tipologia bíblica progressiva e explicativa, os autores bíblicos tornaram Maria, naquela que participa da plena realização da presença de Deus na história: Jesus Cristo (Ap 12,1-6). Como figura da Igreja, Maria de Nazaré não centralizou em si a Igreja mãe. Na expressão “Fazei o que ele vos disser” (Jo 2,4), Maria exemplifica o seu lugar de mediação e de caminho para Jesus. Por isso, o seu lugar na comunidade cristã terá sido o de iluminar, colocando em evidencia a novidade, a variedade e riqueza dos dons que a compõem: Pedro e João, Tiago e Paulo, Estevão e Barnabé...

Existe algo de semelhante na relação que tendemos a estabelecer entre Maria e a história do povo da aliança. A fé cristã viu sempre uma espécie de prefiguração de Maria nas matriarcas de Israel (Sara, Rebeca, Raquel e Lia – todas marcadas por especial intervenção de Deus, Gn 17-49 // Mt 2,28; Rm 4,9; 9,9-10; Hb 11,11; 1Pe 3,6); antecipou-a nas suas heroínas (Miriam, a irmã de Moisés 1Sm 1-2; Débora a profeta, Judite e Ester as mulheres fortes do seu povo); e naquelas que viveram o dom de uma maternidade extraordinária (Ana, mãe de Samuel, 1Sm 1-2 // Lc 2,36) e a ‘almà / parthénos, a mãe do Immanuel, Is 7,14 // Mt 1,23).

Justifica-se, portanto, o título desta exposição (*Quem é Maria de Nazaré? O testemunho bíblico na vida da Igreja*). **Aquilo que Maria é, pode dizer-se apenas através do testemunho bíblico que foi**

construído e que construiu a Igreja⁶. Dificilmente admitiríamos Maria sem a Igreja ou a Igreja sem Maria⁷. No entanto, esta compreensão, aparentemente compreensível e convincente, obriga-nos a cuidados linguísticos e pastorais sérios e relevantes.

Com a comunidade cristã, dos primeiros tempos, temos de aprender e vigiar constantemente, o modo como compreendemos, relacionamos e situamos Maria na nossa vida pessoal de fé e nas nossas comunidades cristãs. O testemunho dos autores do NT e das comunidades cristãs ensinam-nos que o papel determinante de Maria na Igreja não pode confundir-se com o de Jesus Cristo ou, até mesmo o do Espírito Santo. Maria tem um lugar próprio na história da salvação, que tem o seu centro na pessoa de Jesus Cristo.

1. Maria no testemunho bíblico do NT

O cuidado que a comunidade cristã revela no testemunho que nos oferece sobre Maria, parece querer preservar o que nunca poderá ser dito, ou traduzido por palavras humanas, sobre a pessoa de Maria. Por isso, embora possamos saber algumas coisas, haverá sempre muito por descobrir e entender sobre Maria. Em cada tempo a Igreja e cada um de nós perguntar-se-á: “Quem é Maria de Nazaré?” Porém, é um facto que, entre um grande número de cristãos, bastaria que tentássemos pedir que nos fundamentassem na Escritura aquilo que dizem sobre Maria, para nos darmos conta de que muitos, ainda, têm ideias muito confusas sobre Maria. Muitas destas ideias são fruto de sentimentos que contrastam com a sobriedade e singularidade do testemunho bíblico. Na sua grande maioria, estes cristãos não têm qualquer noção de quanto poderiam aproveitar se construíssem a sua imagem de Maria num conhecimento e aprofundamento dos textos do NT. Em muitos não existe uma consciência nítida de que, à margem da Escritura, existem demasiadas probabilidades de construirmos uma relação e uma

⁶ Cf. Cf. F. R. de GASPERIS, *Maria di Nazaret. Ícona di Israele e della Chiesa*, Magnano 1997, 111-125.

⁷ Cf. A.M. PELLETIER, “Marie, verus Israel et mère de l’Église”, *Christus* 183 (1999) 289.

devoção, que pode basear-se sobretudo na fértil imaginação e no sentimento⁸.

Por isso, a nossa convicção é a de que o recurso aos textos do NT, que nos falam de Maria, não é algo facultativo. Não é sério nem saudável dizermos: já fui ao Santuário de Fátima ou de N.S. Aparecida, mas nunca li o que se diz e a forma como se fala de Maria no NT. Principalmente, se desejamos viver uma devoção íntegra a Maria (não uma mariolatria)⁹. Não podemos ignorar, neste âmbito, que Maria, não está de todo ausente nas tensões entre as Igrejas (Católicos e Protestantes...). Ainda que ela não seja o motivo de separação, é nela que se polarizam e refratam alguns fatores de desunião. Só a Escritura bem lida e bem interpretada pode, em definitiva, ensinar-nos a distinguir o essencial. O que é que a escritura nos diz, então, acerca de Maria?

a. Os silêncios da Escritura

A resposta imediata surpreende: diz-nos muito pouco. Os textos de Evangelho e os demais escritos neotestamentários comportam-se com uma singular discricção em relação a Maria. As referências, diretas e indiretas a Maria, são muito escassas e quase sempre acontecem para acrescentar ou terminar uma narrativa. Trata-se de um paradoxo inesperado que não podemos deixar de interrogar. Se Maria desenvolveu um papel de particular relevância na comunidade cristã dos primeiros tempos e se tornou uma coordenada fundamental para a sua compreensão, como explicar esta sobriedade e silêncio dos autores bíblicos?

Lendo o início do texto de Evangelho de Mateus e de Lucas, aprendemos, nas chamadas narrativas da Infância de Jesus, que Maria

⁸ Cf. B. SESBOUE, “Peut-on encore parler de Marie ?”, *Christus* 183 (1999) 266.

⁹ É interessante constatar que as alusões a maria nos documentos do Concílio Vaticano II não só manifestam não só uma relação estreita com a Escritura, como acrescentam textos cujo o significado mariano é indiscutível.

marca o início de um tempo novo. Porém, a informação que o texto de Mateus nos oferece é muito escassa. Além da referência à concepção virginal de Maria, no anúncio a José (Mt 1,18-25) temos apenas o episódio sobre a verdadeira família de Jesus (Mt 12,46-51). No texto de Mateus, a centralidade, na pessoa de José desfoca qualquer informação que estas narrativas nos possam oferecer sobre Maria. Não é este o caso das narrativas do texto de Lucas, a que podemos recorrer sempre que desejamos falar sobre Maria. No entanto, também, ele não está preocupado em oferecer-nos uma biografia de Maria. Os três primeiros capítulos estão focalizados na Salvação que Deus oferece à história: *para dar a conhecer ao seu povo a salvação (Lc 1,77) ... pela remissão dos seus pecados...porque meus olhos viram a Salvação (Lc 2,30); ... e o meu espírito se alegra em Deus, meu Salvador (Lc 1,47) ...e nos deu um Salvador poderoso, na casa de David, seu servo (Lc 1,69) ...hoje, na cidade de David, nasceu-vos um Salvador, que é o Messias Senhor (Lc 2,11).*

Curiosamente, o testemunho do texto de Evangelho de João, demarca-se não pelas referências a Maria, mas pelo modo como o faz, tratando-a sempre, desde o início até ao fim do ministério de Jesus, como a “mãe de Jesus” (*Ao terceiro dia, celebrava-se uma boda em Caná da Galileia e a mãe de Jesus estava lá... Como viesse a faltar o vinho, a mãe de Jesus disse-lhe: «Não têm vinho!» ...sua mãe disse aos serventes: «Fazei o que Ele vos disser!» ...Depois disto, desceu a Cafarnaum com sua mãe, os irmãos e os seus discípulos, e ficaram ali apenas alguns dias (Jo 2,1-12); Junto à cruz de Jesus estavam, de pé, sua mãe e a irmã da sua mãe, Maria, a mulher de Clopas, e Maria Madalena... Então, Jesus, ao ver ali ao pé a sua mãe e o discípulo que Ele amava, disse à mãe: «Mulher, eis o teu filho!» Depois, disse ao discípulo: «Eis a tua mãe!» E, desde aquela hora, o discípulo acolheu-a como sua, Jo19,25-27 aos pés da cruz).*

Fora dos textos de Evangelho, o NT só muito raramente se refere a Maria. Situa-se aqui a referência a Maria na comunidade cristã, depois da Ascensão: *E todos unidos pelo mesmo sentimento, entregavam-se*

assiduamente à oração, com algumas mulheres, entre as quais Maria, mãe de Jesus, e com os irmãos de Jesus (At 1,14); considerada por muitos exegetas como uma menção muito discreta¹⁰. Uma vez que, se refere a sua presença entre os discípulos, mas sem qualquer intenção de referir o seu papel na vida da comunidade pós-pascal. Esta posição é reforçada pela ausência a qualquer menção a Maria no kerigma primitivo (At 1,22; 2,17-36; 10,36-43). O próprio Paulo, focalizado na morte e ressurreição de Cristo, não concede, literariamente, uma significativa importância a Maria: nunca a menciona diretamente, limitando-se a afirmar que: “Quando se cumpriram os tempos, Deus enviou o seu filho, nascido de uma mulher” (Rm 1,3). Não é possível falar de um modo mais neutro.

b. Sobriedade e diversidade

A sobriedade e a diversidade das referências bíblicas a Maria, dificultam a nossa tarefa de reconstruir a figura e o papel de Maria na vida de Jesus e da Igreja. Não existe uma imagem uniforme, não dizem todos o mesmo. Podemos eventualmente perguntar quem tem razão. Um exemplo é o modo como o texto de Marcos formula a pergunta de Jesus: “*Quem é minha mãe e quem são os meus irmãos?*” (Mc 3,33). A sua resposta, quase parecem subentender que Maria não pertenceria à comunidade escatológica de Jesus: *E, percorrendo com o olhar os que estavam sentados à volta dele, disse: «Aí estão minha mãe e meus irmãos. Aquele que fizer a vontade de Deus, esse é que é meu irmão, minha irmã e minha mãe.»* (Mc 3,34-35). Alguns autores, chegam mesmo a interrogar-se se o autor do texto de Marcos não teria alargado a Maria a permanente incompreensão dos discípulos, durante o ministério de Jesus. Seja como for, a descrição positiva de Lc 8,19-21 (²⁰Anunciaram-lhe: «Tua mãe e teus irmãos estão lá fora e querem verte.» ²¹Mas Ele respondeu-lhes: «Minha mãe e meus irmãos são aqueles

¹⁰ Cf. M.T. NADEAU, *Quién es María? Hablar de la Virgen Hoy*, Madrid 2002,15.

que ouvem a Palavra de Deus e a põem em prática.») vinca bem as qualidades de Maria para fazer parte desta nova família de Jesus.

Impõe-se, portanto, respeitar a singularidade dos textos bíblicos. Se o NT não é demasiado explícito a propósito de Maria, isto não altera em nada a riqueza da sua pessoa e a particularidade do seu papel no plano divino da salvação. É um erro medir o que Maria representa para a Igreja e para a todos os cristãos a partir do número de vezes a que a Escritura se refere a ela. Tal como, o é a tentativa de preencher esta sobriedade com as nossas considerações humanas.

Não há dúvida de que, querendo saber ou dizer demasiado sobre Maria, podemos trai-la e, simultaneamente, trair o Evangelho e o testemunho das primeiras comunidades. É neste sentido, que exegetas nos incentivam a não tentarmos compensar as poucas referências bíblicas que temos a Maria, apelando a um silêncio, o mesmo que se abriga no mistério indizível do Deus-connosco que se gerou no seio de Maria¹¹. O silêncio dessa gestação e dos 30 anos de vida, dos quais pouco ou nada se sabe será sempre inspirador de uma compreensão inarrável.

2. Maria na vida da Igreja

Tal como a Escritura é exímia em inspirar-nos, todas as referências bíblicas a Maria estão orientadas para a pessoa de Jesus e a salvação que ele realiza na história humana. Maria não se entende sem a pessoa de Jesus Cristo. Nem mesmo os chamados “Evangelhos da Infância”, onde a atenção recai sobretudo sobre Maria, se pode dizer que ela esteja em primeiro plano. Os autores bíblicos nunca a referem por ela mesma. O seu testemunho, construído sob uma forte intertextualidade bíblica, foi antes de mais uma tentativa resposta às muitas perguntas das primeiras comunidades cristãs. No decorrer da vida da Igreja e,

¹¹ Cf. R.E. BROWN – K. DONFRIED – J.A. FITZMYER – J. REUMANN (eds.), *Mary in the New Testament*, NY 1078.

ainda hoje, é sob este testemunho que podemos repensar as origens humana e divina de Jesus. Sem dúvida que Maria não se confunde com Jesus, nem Jesus com Maria. A sua individualidade na resposta ao desígnio de Deus para a sua vida não a confunde nem a separa, pelo contrário situa-a na singularidade de uma relação com a pessoa de Jesus Cristo, da qual, na qual para a qual viveu inteiramente.

Tal como os textos de Evangelho, todos os testemunhos posteriores dos Padres da Igreja, continuam uma afirmação cristológica do lugar teológico de Maria. Citamos, a título de exemplo Inácio de Antioquia (110), o primeiro autor a mencionar Maria, fora dos textos bíblicos do NT. Sempre que se refere a Maria, Inácio de Antioquia fá-lo num contexto teológico, preocupado em afirmar vigorosamente a realidade da encarnação: “Jesus nasceu de Maria e de Deus”¹².

É um facto, que nos primeiros tempos do cristianismo existiram formas muito diversas de entender o lugar singular de Maria na Igreja e na História da salvação¹³. Não podemos explicitar aqui esta diversidade. Consideramos importante, apenas, sublinhar que o papel de Maria na História da Salvação deve ser tratado e considerado com muita delicadeza intelectual e teológica. Se é indispensável evitar que se coloque o papel de Maria ao mesmo nível do de Jesus Cristo (LG 60-62), é importante que fique claro que Deus confiou a Maria um ministério original, fazendo-a desempenhar um papel singular na história da salvação. Maria tem um lugar único na vida e mistério de Jesus Cristo, que se amplia à vida da Igreja. É nesta amplitude que se realiza o seu lugar na história da Salvação.

a. No sim de Maria: o sinal acontece e salva.

A citação explícita do texto de Mateus – *Tudo isto aconteceu para se cumprir o que o Senhor tinha dito pelo profeta: Eis que a virgem*

¹² Cf. IGNACIO de ANTIOQUIA, *Carta a los esmirnitas* III,2.

¹³ Cf. M.T. NADEAU, *Quién es María? Hablar de la Virgen Hoy*, Madrid 2002, 29-31.

conceberá e dará à luz um filho; e hão de chamá-lo Emanuel, que quer dizer: Deus conosco (Mt 1,22.23) – só se entende à luz do contexto narrativo original de Is 7,4-14.

Vivia-se, então, um momento de grande angústia, pânico e guerra eminente na história de Israel. Deus não está indiferente e por meio do seu profeta envia uma mensagem ao rei Acáz: *‘Tranquiliza-te, tem calma, não temas... Se não o acreditares, não subsistirás... O Senhor mandou dizer de novo a Acáz: «Pede ao Senhor teu Deus um sinal, quer no fundo dos abismos, quer lá no alto dos céus.» Acáz respondeu: «Não pedirei tal coisa, não tentarei o Senhor.» Isaías respondeu: «Escuta, pois, casa de David: Não vos basta já ser molestos para os homens, senão que também ousais sê-lo para o meu Deus? Por isso, **o Senhor, por sua conta e risco, vos dará um sinal.** Olhai: a jovem está grávida e vai dar à luz um filho, a quem dará o nome de Emanuel (Is 7,4-14).*

O momento histórico do profeta Isaías, não é de modo algum o ideal para uma jovem mulher engravidar. No entanto, Deus não desiste da história, mesmo nos seus momentos mais complexos e difíceis. Através do profeta, Deus procura incutir a esperança no Rei Acáz. O rei hesita, mas Deus não e decide por sua conta e risco anunciar um sinal. O facto de se dizer «a jovem» (uso do artigo) sugere que esta jovem é única, é aquela e não outra e a gravidez desta jovem é um sinal sério dado por Deus a um povo que vivia uma sequencia de vicissitudes históricas e políticas difíceis. O profeta Isaías deseja que o povo acredite que Deus está presente à sua circunstância histórica difícil e caminha pacientemente com eles. O seu Deus não é o grande ausente; é um Deus que se compromete não só com a reconstrução da vida do povo, mas ele próprio se afirma como um Deus com; um Deus que promete habitar no meio deste povo: ser Deus-conosco (*'immanû'el*). Segundo o profeta Isaías, Deus oferece um sinal no acontecimento de uma vida nova, como o são todos os nascimentos; virá, portanto, no contexto de um sinal surpreendente, que só poderá ser reconhecido com o olhar da fé.

No sim de Maria, o inexplicável de um Deus que envia o seu anjo a uma pequena cidade da Galileia, o sinal acontece. Muitos exegetas entreviram este sinal na mudança do termo hebraico *'almah* – a mulher jovem, atraente pela sua beleza, casada ou não, mas geralmente sem filhos – no termo grego ἡ παρθένος – virgem (LXX e NT), acentuando a dimensão inexplicável do sinal dado por Deus: que uma jovem engravide é algo natural, mas uma virgem não. Porém, não se trata apenas de um jogo de palavras ou de uma tradução bem calculada. Trata-se de tornar Maria naquela sob a qual se oferece o sinal do inexplicável de Deus na história, que é Jesus Cristo. Esse sinal que a comunidade joanina soube formular de um modo excelente quando, nas Boas de Caná, alude à transformação da água em vinho como: “... o primeiro dos sinais, Jesus o fez em Caná da Galileia (Jo 2,11).

Que sinal é este? O mesmo da anunciação: na pessoa de Jesus Cristo Deus está plenamente na história. Por isso, não obstante, as palavras de Jesus, Maria é a primeira a entrevê-lo. Por isso, o autor bíblico não hesita em desenhar a sua total confiança no seu filho; um filho que durante trinta anos não lhe dera qualquer sinal de diferença dos demais jovens do seu tempo. Aparentemente, Maria, não tem um motivo que sustenha tamanha confiança. Vivera simplesmente até ao momento, das tais palavras que lhe foram “ditas da parte do Senhor”; elas foram sempre o seu único amparo. Esta intervenção de Maria, em Caná da Galileia, realiza o seu sim da anunciação, distinguindo o papel que Maria terá sempre na comunidade cristã: a mulher do sim e da fé; a mãe da relação íntima e única, que saberá estar sempre atenta e interceder.

Por isso, o que tornou Maria tão importante na comunidade cristã não foi apenas a sua atitude, mas o que ela permitiu acontecer: Jesus na história. A sua relação com este filho e a sua vida de permanente escuta e silêncio, são a profunda realização do seu sim dado a Deus e dado a Jesus. Compreendamos que Maria não é a salvação, só Jesus é a Salvação. Maria é simplesmente uma jovem mulher, uma “mulher de fé” uma mãe singular; não uma deusa ou a quarta pessoa da

Santíssima Trindade. Só por isso, é que ela é, também, sinal da humanidade capaz de acolher e conter Deus na simplicidade, na interioridade e intimidade.

b. Maria: a 'bendita' entre as mulheres

A expressão de Isabel ("Bendita és tu entre as mulheres"), jamais aplicada no judaísmo a um ser humano¹⁴, é magnífica, porém deve ser entendida corretamente, ou seja, evitar a interpretação de que só ela, Maria apenas "entre as mulheres", sabia como agradar a Deus, como acreditava um autor do século V e, como ele, também uma longa tradição mariana. O texto do Evangelho, seja na versão grega seja na versão latina sublinha que se trata de um "in", "entre as mulheres", colocando Maria na frente de uma grande procissão de mulheres, de sucessivas gerações desde que o mundo começou.

A nossa memória histórica luta para reviver a vida de Maria, como uma mulher de Israel, entre as mulheres do seu tempo. O nosso entendimento tenta recuperar a sua vida escondida em Nazaré, onde nada parecia digno de atenção, porém onde, verdadeiramente, se toca o mistério da profunda humanidade e divindade de Jesus, descrito em Gl 4,4 simplesmente como "nascido de mulher".

No entanto, sendo uma entre as mulheres, Maria distingue-se por ser uma mulher de escuta e de entrega ao projeto oculto de Deus. Foi nesta escuta e entrega que Jesus foi gerado. Foi nesse ato de fé indizível e irrepetível que Maria deu à luz a Igreja. A sua vida será repleta de espanto. Desde a anunciação até ao Gólgota. Tal como Jesus, também ela não foi poupada ao desespero, expresso nas palavras do salmo: "Meu Deus, por que me abandonaste". Maria permaneceu presente até o fim. O autor bíblico, faz questão de a colocar

¹⁴ *Baruc attah adonay* (expressão usada apenas para Deus, que marca o início do Shabbath)

lá, vivendo com o seu filho a prova da contradição, "ponderando no seu coração" ("unindo", de acordo com o significado da palavra grega *συμβάλλουσα* Lc 2,19), como também naquela perda se une a evidência do fracasso absoluto à confiança total sem palavras no facto de que Deus salva.

Esta é a fé do "coração sábio" de Maria, evocada em Pr 14,33 (*A sabedoria repousa no coração ponderado*); o coração que Salomão pediu a Deus em sua oração (1 Reis 3,9). É a partir deste coração que Maria adere ao plano oculto de Deus e que Jesus é gerado. É esta a fé com que Maria gera e está presente na Igreja, testemunhando e suscitando uma fé corajosa, sem imagens idolátricas de Deus, que a cruz contradiz e denuncia. É nesta mulher, associada à ação divina que, como cantava Santo Anselmo, a Igreja inteira é convidada a reconhecer-se maternalmente gerada, a fim de trazer ao presente, tantas vezes obscuro, em que vivemos, o testemunho da vitória ressuscitado, apesar de todas as evidências em contrário

c. A nossa relação e devoção a Maria

Antes de concluir esta reflexão, centrada no testemunho bíblico das primeiras comunidades cristãs, como o caminho de excelência para descobrir e amar Maria por aquilo que ela é de verdade, parece-me importante fazer, ainda, um breve paralelo com o lugar que Maria ocupa hoje no culto e na oração cristã¹⁵. Desde o séc. V-VI que a devoção a Maria se desenvolveu no Oriente sob a forma festa litúrgica (Maria Theotokos; Natividade de Maria; Apresentação no templo; a Anunciação). No ocidente, estas festas começam um século depois (séc. VII). Porém, seria um erro pensarmos que a devoção a maria se reduz a festas litúrgicas ou que esta devoção seja um fim em si mesmo.

¹⁵ Consideram que não é muito correto falar de 'culto mariano', mas sim de 'culto cristão' a Maria [cf. PAULO VI, *AAS*, 66 (1974) 117; M.T. NADEAU, *Quién es María? Hablar de la Virgen Hoy*, Madrid 2002, 117].

“Encontrareis Maria, em definitivo, se tiverdes o escrupuloso cuidado de a situar no conjunto do mistério cristão, porque o culto a Maria não é um fim em si mesmo, mas a via mestra que nos conduz a Cristo e, nele, à glória de Deus e ao amor à Igreja” (Paulo VI, no Congresso Internacional das Congregações Marianas, 1963).

Neste contexto, como situar a questão delicada de rezarmos a Maria? Podemos, invoca-la verdadeiramente, implorar o seu auxílio e apelar à sua intercessão? O que é constitutivo de uma autêntica oração a Maria?

Uma das orações de intercessão a Maria, mais antigas, data do séc. III, da nossa era (*Sub tuum praesidium – Sob a tua proteção*). Esta oração começa com as palavras: “Sob o teu amparo nos colocamos, Santa mãe de Deus...”¹⁶. Uma outra oração, igualmente antiga é ‘Salve Regina’ (XII). E, neste contexto, o que dizer da ‘Ave Maria’, a mais difundida de todas as orações a Maria. Talvez nem todos saibam que a oração da Ave Maria não apareceu de uma vez só, como nós a conhecemos hoje. Na sua forma original, esta oração continha apenas a primeira parte, que une a evoca a saudação de Isabel a Maria em Lc 1,41-42 à do anjo em 1,28: Ave Maria, cheia de graça, o Senhor é contigo, bendita és tu entre as mulheres e bendito o fruto do teu ventre Jesus. Foi assim que se rezou até ao séc. IX. Foi só no séc. X que se juntou a invocação: “Santa Maria, mãe de Deus, rogai por nós pecadores...”. Porém, a sua forma definitiva só aparece mais tarde, no breviário de Pio V (1563)¹⁷. Isto significa que. Embora, tenha estado sempre presente a ideia de intercessão, a sua formulação em palavras só aparece mais tarde.

Não temos dúvidas de que todos temos de nos questionar sobre o sentido da oração de intercessão que dirigimos a Maria. Nem sempre a entendemos como “uma oração a Deus, que é o único que a pode

¹⁶ Cf. F. MERCENIER, « La plus ancienne prière à la sainte Vierge », *Questions Liturgiques* 25 (1940) 33-36.

¹⁷ Cf. P. JOUNEL, *Le culte de Marie, in L'Église en Prière IV, La liturgie et le temps* (A.G. MARTIMORT), Paris 1983, 158-159.

escutar e responder por ela”¹⁸. Só existe um culto, e este é unicamente a Deus, aquele em que vamos ao Pai através do Filho, no Espírito Santo. Por isso, por muito que concedamos a Maria, legitimamente, toda a importância e honra que merece a sua total adesão á vontade de Deus e cooperação na história da salvação, nada altera o facto de que o verdadeiro refúgio dos cristãos se encontra só na Trindade. Toda a devoção a Maria que marginaliza Jesus Cristo é errada. Nunca podemos perder de vista o papel único de mediadora, bem vivido e testemunhado pelas comunidades cristãs, na narrativa bíblica (cf. Jo 2,1-12)¹⁹. Uma autêntica oração a Maria integra sempre um compromisso real à fidelidade de Deus, manifestada em Jesus Cristo.

Por isso, não nos devem surpreender as palavras do Papa Francisco, ditas recentemente, na sua peregrinação a Fátima (Maio 2017):

“Peregrinos com Maria... Qual Maria? **Uma 'Mestra de vida espiritual', a primeira que seguiu Cristo pelo caminho 'estrito' da cruz dando-nos o exemplo**, ou então uma Senhora inatingível e, conseqüentemente, inimitável? **A 'Bendita por ter acreditado', sempre e em todas as circunstâncias nas palavras divinas**, ou então uma santinha a quem se recorre para obter favores a baixo preço? **A Virgem Maria do Evangelho venerada pela Igreja orante**, ou uma esboçada por sensibilidades subjetivas que a veem segurando o braço justiceiro de Deus pronto a castigar: uma Maria melhor do que Cristo, visto como Juiz impiedoso; mais misericordiosa que o Cordeiro imolado por nós?”

“Os pastorinhos viram a ‘Mãe do Céu’ e muitos outros, na sua esteira, também a quiseram ver. Contudo, **a Virgem Mãe não veio aqui, para que a víssemos**; para isso, teremos a eternidade inteira, naturalmente, se formos para o Céu. Mas Ela, antevendo e advertindo-nos para o risco

¹⁸ Cf. GROUPE DES DOMBES, *Marie dans le dessein de Dieu et la communion des saints I*, Dans l’histoire et l’Écriture, Bayard-Centurion 1997,33.53.

¹⁹ Cf. a este propósito LG 67; GS 19, # 3.

do **Inferno aonde leva a vida sem Deus** e profanando Deus nas suas criaturas, veio lembrar-nos a Luz de Deus que nos habita e cobre”.

“Fátima é sobretudo este manto de Luz que nos cobre quando nos refugiamos sob a proteção da Virgem Mãe para Lhe pedir: mostrai-nos Jesus.” ...por três vezes, garantiu **‘temos Mãe’** – apelou aos cristãos que vivam agarrados a essa Mãe e vivam da “esperança que assenta em Jesus”.

“Sempre que olhamos para Maria, voltamos a acreditar na força revolucionária da ternura e do carinho. **Esta dinâmica de justiça e de ternura, de contemplação e de caminho ao encontro dos outros é aquilo que faz d’Ela um modelo eclesial.** Possamos, com Maria, ser sinal e sacramento da misericórdia de Deus que perdoa sempre, perdoa tudo.”

“Desde o início, quando permaneci longamente em silêncio na Capelinha das Aparições, acompanhado do silêncio orante de todos os peregrinos, criou-se um clima de recolhimento e contemplação, no qual se concentraram vários momentos de oração. **E no centro de tudo estava e está o Senhor Ressuscitado,** presente no meio do seu Povo na Palavra e na Eucaristia.”

“Temos diante dos olhos São Francisco Marto e Santa Jacinta, a quem a Virgem Maria introduziu no mar imenso da Luz de Deus e aí os levou a adorá-Lo. Daqui lhes vinha a força para superar contrariedades e sofrimentos. A presença divina tornou-se constante nas suas vidas, como se manifesta claramente na súplica instante pelos pecadores e no **desejo permanente de estar junto a ‘Jesus Escondido’ no sacrário**”.

“Queridos irmãos, rezamos a Deus por Maria, com a esperança de que nos escutem os homens; e dirigimo-nos aos homens com a certeza de que Deus nos vale”, continuou o Papa, pegando, então, nas palavras de Lúcia: **“Ele criou-nos como uma esperança para os outros, uma esperança real e realizável segundo o estado de vida de cada um.** Ao ‘pedir’ e ‘exigir’ o cumprimento dos nossos deveres de estado [carta

da irmã Lúcia, 28/II/1943], **o Céu, através de Maria, desencadeia aqui uma verdadeira mobilização geral contra esta indiferença que nos gela o coração e agrava a miopia do olhar.**”

Lembrando também uma expressão muito usada pelo Papa João Paulo II, o Papa Francisco concluiu: **“Sob a proteção de Maria, sejamos, no mundo, sentinelas da madrugada que sabem contemplar o verdadeiro rosto de Jesus Salvador, aquele que brilha na Páscoa, e descobrir novamente o rosto jovem e belo da Igreja, que brilha quando é missionária, acolhedora, livre, fiel, pobre de meios e rica no amor.”**

Luísa Maria Almendra